

Gabriela Cristian Alves Veloso Lima

“

**FELICIDADE**

**FACER**  
**2002**

Gabriela Cristian Alves Veloso Lima



## FELICIDADE

Monografia apresentada à FACER  
como requisito para conclusão de graduação  
em Filosofia sob a orientação do professor  
Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

30734  
soeni

Tombo n°	7342
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	27.05.03

## FELICIDADE

Tem sabor de quero mais.  
É tão bom, dura tão pouco,  
Parece até algodão doce.  
É como o raio:  
No instante que se sente  
Já se foi.  
Deixa marcas bem profundas,  
Talvez insatisfação?

Deixa saudade e tristeza  
E o mais doído é a certeza  
Que este momento gostoso  
Já vai longe, já passou.

Felicidade,  
É dose certa, viva e latente  
Que neste mundo está presente  
Muitos a vêem e poucos a alcançam.  
Esta busca infinda  
Da Dona Felicidade  
Não termina bem assim.  
Todos a querem, desejam,  
Todos a buscam.  
Rondam mundo para achar

E o mais triste de tudo:  
Não encontram  
Em nenhum lugar!

Felicidade  
Você mora tão perto  
Deus a pôs no lugar certo,  
É uma pena não achá-la.  
Porque enquanto caminho,  
Sedenta por encontrá-la,  
Tomo todos os rumos  
Mas em nenhum você está.  
E você vive sozinha  
Esperando eu ir buscá-la.

Felicidade  
Sabem o que é?  
É sermos o que somos,  
Aceitando o mundo,  
Todos,  
Mas a gente em primeiro lugar.

Dúnia de Freitas

## SUMÁRIO

Introdução.....	4
Capítulo I – O que é Felicidade?.....	6
Conceitos de Felicidade.....	11
Vida e Obra de Aristóteles.....	16
Capítulo II – Ética Aristotélica.....	19
Capítulo III – Felicidade: Um Conceito Ético?.....	25
Conclusão.....	28
Bibliografia.....	31

## INTRODUÇÃO

A felicidade é um conceito com grande quantidade de atribuições.

O primeiro capítulo vem mostrar as várias atribuições que leva ao encontro dessa tal e tão desejada Felicidade. Quando não conseguimos achar satisfação dentro de nós mesmos, é inútil procurar em outra parte, sempre que dependemos de coisas fora de nós para ter alegria, estamos sujeitos à decepção. A única fonte de felicidade está dentro de você e deve ser repartida. Repartir suas alegrias é como espalhar perfumes sobre os outros: sempre algumas gotas acabam caindo sobre você mesmo. Na incerteza do amanhã, aproveite hoje para ser feliz. Uma pequena síntese da vida e obra de Aristóteles. E por fim alguns conceitos de felicidade na visão de alguns filósofos como: Locke, Kant, Hegel e outros.

No segundo capítulo mostra alguns pontos sobre o que vem a ser a Ética Aristotélica. O objeto da ética aristotélica é o estudo da felicidade como supremo fim ou bem do ser humano. A felicidade consiste na plena realização das próprias capacidades. Partindo deste princípio, Aristóteles demonstra que a felicidade do homem não pode consistir nas riquezas, nem nas honrarias, nem os prazeres, porque nenhuma dessas coisas representa a plena realização das capacidades humanas. Para Aristóteles é a finalidade última do homem, o bem supremo. Ele apresenta duas características fundamentais da Felicidade: a primeira é: deve ser final, ser sempre; escolhido por si próprio e nunca como um meio de se atingir outra coisa. Se a felicidade é a finalidade última do homem e está na constante busca deste fim último da vida, não pode ser qualquer coisa. Por isso o

objetivo da vida está muito mais além de qualquer bem material que você possa possuir.

No terceiro capítulo trata da Filosofia como um conceito ético. A felicidade não pode ser concebida como algo abstrato, alheio a determinadas condições sociais, e que estas condições não favorecem ou criam obstáculos a felicidade, em geral, a encontramos em toda parte, dependendo do nosso anseio em consegui-la. A ética resulta no estudo da capacidade humana.

Para Aristóteles, o papel do homem é procurar o Bem. Bem que ele identifica com a felicidade, isto é, aquilo que se procura por si mesmo e não com vista a alcançar qualquer outro, ex.: honra, prazer, inteligência, procuramos porque conduzem à felicidade, ora a felicidade não a queremos para outra coisa. Felicidade que é definida como a contemplação da verdade. Diz que a vida virtuosa é uma vida regida por aquilo que Aristóteles designa por justo meio ou o dom da temperança.

## CAPÍTULO I – O QUE É FELICIDADE?

Essa simples pergunta pode ser uma poderosa ferramenta para nos ajudar a gerir com habilidade todas as áreas da nossa vida, não apenas na hora de decidir se vamos nos permitir uso de drogas ou aquele terceiro pedaço de torta de maracujá com creme.

Ela permite que as coisas sejam vistas de um novo ângulo. Lidar com nossas decisões e escolhas diárias, com essa questão em mente, desvia o foco daquilo que estamos nos negando para aquilo que estamos buscando – a máxima felicidade.<sup>1</sup>

O que é Felicidade? O equilíbrio da mente? A capacidade de lidar com as rasteiras que a vida dá, um estado de espírito ou algo escondido dentro de cada um? Ninguém sabe ao certo defini-la, muito menos qual a receita para alcançá-la. Desde que o mundo é mundo, poetas, filósofos, religiosos e mortais comuns tentam realizar essa simples proeza. Apesar da simplicidade do termo, a ciência também resolveu se arriscar nessa busca e acreditar ter conseguido bons indícios. Os cientistas comprovam que a felicidade está nas pequenas coisas. E que a Felicidade é estar bem consigo mesmo, que seria aquela paz de espírito, aquele momento de reflexão, da harmonia, de paz interior.

---

<sup>1</sup> LAMA, O Dalai e CUTLER, Howard C. A Arte da Felicidade, pág. 40.

Para se ter felicidade exige-se esforço, não sabemos se a encontramos dentro ou fora de nós, só podemos concluir é que ela não cai do céu, e também que nós não podemos conquista-la sozinhos, precisamos de algo que nos completa.<sup>2</sup>

O primeiro passo na busca da felicidade é o aprendizado. Antes de mais nada, temos de aprender como as emoções e comportamento negativos são prejudiciais e como as emoções positivas são benéficas.

Creio, que à medida que o tempo vai passando, podemos realizar mudanças positivas. Todos os dias, ao acordar podemos desenvolver uma motivação positiva, pensando, "vou utilizar este dia de um modo mais positivo". E depois, a noite, antes de nos deitarmos, poderíamos verificar o que fizemos com a pergunta "será que utilizei este dia como planejava?" Se tudo correu de acordo com o planejado, isso é motivo para júbilo. Se não deu certo, deveríamos lamentar o que fizemos e passar a uma crítica do dia. Assim, através de métodos como esses, é possível aos poucos fortalecer os aspectos positivos da mente.<sup>3</sup>

Passamos a vida em busca da felicidade, procurando um tesouro escondido. Coremos de um lado para o outro esperando descobrir a chave da felicidade, esperamos que tudo que nos preocupa se resolva num passe de mágica e achamos que a vida seria tão diferente, se pelo menos fôssemos felizes.

E, assim, uns fogem de casa para serem felizes e outros ao invés disso fogem para casa para serem felizes. Uns se casam e outros se divorciam para serem felizes. Uns fazem viagens caríssimas e outros trabalham além do normal para serem felizes. "Uma busca infinita". Mas, há uma forma melhor de viver?

---

<sup>2</sup> ALENCAR, Jane Felix de. Felicidade em Santo Agostinho, pág. 40.

<sup>3</sup> LAMA, op cit, pág. 42-43

A partir do momento em que decidimos ser felizes, nossa busca da felicidade chegou ao fim. E que percebemos que a felicidade não está na riqueza material, na casa nova, ou até mesmo no carro novo, ou naquela carreira, ou naquela pessoa.

Quando não conseguimos achar satisfação dentro de nós mesmos, é inútil procurar em outra parte, sempre que dependemos de coisas fora de nós para ter alegria, estamos sujeitos à decepção.

A única fonte de felicidade está dentro de você e deve ser repartida. Repartir suas alegrias é como espalhar perfumes sobre os outros: sempre algumas gotas acabam caindo sobre você mesmo.

“Na incerteza do amanhã, aproveite hoje para ser feliz”. O que é ser feliz?

Ser feliz é buscar constantemente a realização pessoal, profissional e tantas outras... Nos dias de hoje, o mais interessante e viável para encontrar “essa tal felicidade” é a criação e utilização de ferramentas criativas, tendo o objetivo evidenciado através de gestos e atos. Fazer o bem (sem saber para quem) saber ouvir, saber falar o certo no momento certo, utilizar todos os recursos pessoais possíveis e aplicáveis podem ser um começo para busca da felicidade.

Potencializar nossa inteligência, desviando problemas e obstáculos de nossa vida também é um caminho, aceitar julgamento também é uma variável de suma importância. Aceitar mudanças e sentir orgulho de quem é, e como é, ter confiança sempre em tudo o que fazemos e em nós mesmos.

Até o momento, demos alternativas e características voltadas ao comportamento, para conquistar e alcançar a felicidade, mas o que é ser feliz?

- É ter amor e prazer no que se faz, e fazer tudo por amor e prazer;
- É saber conduzir e aceitar mudanças;

- É viver intensamente todos os minutos e não esperar um dia especial, pois todos os dias são especiais;
- É arriscar-se sempre, pois estamos vivos e poderemos aprender tanto nesta etapa.

Ser feliz é acreditar que somos eficientes e capazes. Capazes de sermos felizes.

Felicidade é um tema muito discutido e questionado, parece a princípio algo muito distante de ser alcançado. Muitas vezes, só é permitido encontrá-la entre as crianças que como seres ainda em formação, temos a iniciativa de levá-la ao encontro da tal felicidade. Entende-se que ela é alcançada todas as vezes que nos encontramos bem material ou profissionalmente. Sempre associamos tal sentimento a algo que conseguimos de imediato e que nos deu prazer.

Torna-se muitas vezes utópica, falar em felicidade quando no mundo contemporâneo, defrontamo-nos com tantos problemas sociais. É que sempre associamos felicidade a prazer e esse, a bens materiais. Quando não conseguimos alcançá-la sentimo-nos angustiados, ansiosos e tais sentimentos avultam-se em tal ordem, que viver torna-se um peso, um martírio.

Para que possamos viver o melhor possível, não devemos só nos preocupar com a parte material, ela é sem dúvida necessária, mas não é tudo; devemos lutar pelo nosso prazer sim, mas não esquecendo que esse pode ser alcançado por outras vias. O homem dispõe de muitas ferramentas para ser feliz, mas erroneamente espera alcançá-la só numa vida após esta e, com isso perde oportunidade de refletir sobre sua vida e sobre o que quer.

Ao trilhar o caminho de encontro a nós mesmos, temos a oportunidade de entrar em contato com nossas dificuldades, medos, certezas e incertezas. Isso assusta a princípio, mas é necessário, assim temos a oportunidade de nos ver, nos aceitar e principalmente quem está em volta de nós. Não somos imunes a nossas fraquezas, essas nos levam a angústia e a ansiedade. Mas esses pontos fracos só

são ou tornam-se um mal quando deixamos que tomem conta de nossa vida, nos levando à auto-destruição e agressividade. Por outro lado, se as enfrentamos, tornam-se pontos positivos que nos levam a novos caminhos, nos fazem crescer. É uma conquista lenta e diária.

Nós somos os produtores de nossa felicidade, ela não é um sonho, é possível, viável e construída, só depende de nós. Essa construção é passo a passo, depois de cada percalço, de cada perda. É desconstruir e construir simultaneamente. E na busca dessa construção de suas coisas, a existência experimentará a angústia da liberdade, de escolhas, decisões e buscar a felicidade em cada ato e realização.

Quando a vida se torna muito complicada e nos sentimos assoberbados, costuma ser útil dar um simples passo atrás e lembrar a nós mesmos qual é nosso propósito geral, nosso objetivo. Quando deparamos com uma sensação de estagnação e confusão, pode ser valioso tirar uma hora, ou mesmo alguns dias para apenas refletir sobre o que de fato nos trará a felicidade, e então reordenar nossas prioridades com base nessa reflexão. Isso pode por nossa vida de volta no contexto adequado, permitir uma nova perspectiva e nos possibilitar ver que direção tomar.<sup>4</sup>

E acrescenta:

As vezes, quando me encontro com velhos amigos, lembro-me de como o tempo passa depressa. E isso faz com que me pergunte se utilizamos nosso tempo bem ou não. Não nascemos com a finalidade de causar problemas, de prejudicar os outros. Para que nossa vida tenha valor, creio que devemos desenvolver boas qualidades humanas essenciais – o carinho, a bondade, a compaixão – com isso nossa vida ganha significado e se torna mais tranquila, mais feliz.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> LAMA, op cit, pág. 70

<sup>5</sup> LAMA, op cit, pág. 70

Podemos escolher ser livres ou permanecer acorrentados as expectativas alheias, as nossas deficiências, medos, angústias ou podemos nos libertar desses grilhões e buscar a nossa felicidade – só depende de nós.

As circunstâncias mudam e com elas, na maioria das vezes o nosso humor. Além de misteriosa, portanto, a felicidade é talvez a coisa mais fugidia neste mundo.

## CONCEITOS DE FELICIDADE

Segundo **Aristóteles**, devem possuir as três espécies de bens que se podem distinguir, quais sejam, os exteriores, os do corpo e os da alma. É verdade que os bens exteriores, assim como qualquer instrumento desempenham sua função utilitária de instrumentos, mas além do qual se tornam prejudiciais ou inúteis para quem os possui. Os bens espirituais, ao contrário, quando mais abundantes, mais úteis. Mas em geral pode-se dizer que cada qual merece a Felicidade. Na medida da virtude, do tino e da capacidade de bem agir que possui, podendo se tornar como exemplo a divindade, que é feliz e bem-aventurada não graças aos bens exteriores, mas por si mesma, por aquilo que ela é, por natureza.

Aristóteles afirmava que haveria três formas de felicidade. A primeira forma de felicidade seria uma vida de prazer e satisfação. A segunda vida como cidadão livre e responsável e a terceira uma vida como pesquisador e filósofo.

Aristóteles enfatiza então que essas três formas de felicidade deveriam estar presentes simultaneamente, para que o homem pudesse encontrar a felicidade e a plenitude.

A Felicidade é acessível ao sábio que mais facilmente se basta a si mesmo, mas é a isso que devem tender todos os homens e as cidades. O sábio é aquele que basta a si mesmo e que acha a Felicidade em si mesmo, o que melhor se chamaria bem-aventurança. Plotino critica a incoerência que consiste em considerar a Felicidade, independente das coisas externas ao mesmo tempo que

aponta essas mesmas coisas como objeto da razão, para Plotino, a Felicidade é a própria vida, por isso, enquanto pertence a todos os seres vivos, pertence eminentemente à vida mais completa e perfeita, que é a da inteligência pura, a Felicidade do sábio não pode ser destruída pela má sorte, pelas doenças físicas ou mentais, nem por qualquer circunstância desfavorável, assim como não pode ser aumentada pelas circunstâncias favoráveis, por isso, é a própria bem-aventurança de que gozam os deuses.

**Santo Agostinho**, juntamente com seus discípulos, chega a conclusão de que aquele que deseja ser feliz, deve procurar um bem permanente, já que em nenhum instante podemos possuir aquilo que é passageiro e que não traria a felicidade, mas o único bem permanente seria a paz de espírito que encontraremos dentro de nós mesmos, seria a verdadeira felicidade “DEUS”. Ele dizia que quando procurava o “DEUS” ele buscava a vida feliz.

**Tales** julgava feliz “quem tem corpo são e forte, boa sorte e alma bem formada”. A boa saúde, a boa sorte na vida e o sucesso da formação individual, que constituem os elementos da felicidade.

**Demócrito**, de maneira quase análoga, definia a Felicidade como a medida do prazer e a proporção da vida”, que era manter-se afastado dos defeitos e dos excessos. De qualquer maneira, Felicidade e infelicidade pertencem à alma uma vez que somente a alma “é morada do nosso destino”. A relação que muitas vezes se estabeleceu entre Felicidade e prazer tem o mesmo significado, ou seja, é a conexão entre o estado definido como Felicidade e a relação com o próprio corpo, com as coisas e com os homens. A Felicidade é o sistema dos prazeres particulares, em que se somam também os passados e os futuros.

**Platão** negava que a Felicidade consistisse no prazer e a julgava, ao contrário, relacionada com a virtude. “Os felizes são felizes por possuírem a justiça e a temperança; os infelizes são infelizes por possuírem a maldade”, segundo Platão senão a capacidade da alma de cumprir seu próprio dever, ou seja, de dirigir o homem da melhor maneira. Portanto, também a noção platônica de Felicidade é

relativa à situação do homem no mundo e aos deveres que aqui lhe cabem. As pessoas felizes.

Platão referia-se a uma certa “felicidade verdadeira”, diferente dos prazeres triviais e à qual se teria acesso pela adoção de critérios objetivos para uma vida reta, base da harmonia espiritual.

**Locke** diz que a Felicidade é o maior prazer de que somos capazes, e a infelicidade o maior sofrimento; o grau ínfimo daquilo que pode ser chamado de Felicidade é estar tão livre de sofrimento e ter tanto prazer presente que não é possível contentar-se com menos.

**Leibniz**: crê que a Felicidade é um prazer durável, o que não poderia acontecer sem o processo contínuo em direção a novos prazeres.

A noção de Felicidade como prazer ou como soma, ou melhor, “sistema” de prazeres, segundo a expressão do velho Arcebispo, começa a adquirir significado social como **Hume**: a Felicidade torna-se um prazer que pode ser difundido, o prazer do maior número, e dessa forma a noção de Felicidade torna-se a base do movimento reformador inglês do séc. XIX. **Kant** julgava impossível considerar a Felicidade como fundamento da vida moral, esclarecia a noção de Felicidade sem recorrer à de prazer: A Felicidade é a condição do ser racional no mundo, para quem, ao longo da vida tudo acontece de acordo com seu desejo e vontade.

**Kant** julgava que a Felicidade é parte integrante do bem supremo, que para o homem é a síntese de virtude e felicidade. Mas como tal o bem supremo não é realizável no mundo natural, seja porque nada garante neste mundo a perfeita proporção entre moralidade e Felicidade, em que consiste o bem supremo, seja porque nada garante a satisfação plena de todos os desejos e tendências do ser racional, em que consiste a Felicidade.

**Hegel** também insiste, torna-se o ideal de um estado ou condição inatingível, a não ser no mundo sobrenatural e por intervenção de um princípio

onipotente. Não é de admirar, portanto, que toda a parte da filosofia moderna que passou pelo filtro do kantismo tenha desprezado a noção de Felicidade e não a tenha utilizado na análise daquilo que a existência humana é ou deve ser. **Hume**, “quando se elogia alguma pessoa bondosa e humana”, nunca se deixa de dar destaque “à Felicidade e satisfação da sociedade humana em poder contar com sua ação e com seus bons serviços”. Portanto, identificará o que é moralmente com o que é útil e benéfico. Depois dele, **Bentham** retomava como fundamento da moral a fórmula de **Beccaria**: “A maior Felicidade possível, no maior número de pessoas”, fórmula em que também se inspiraram **James Mill** e **Stuart Mill**, acentuando cada vez mais o seu caráter social. Eles sabem que a Felicidade, por depender de condições e circunstâncias objetivas além de atitudes do homem, não pode pertencer ao homem em sua individualidade, mas só ao homem enquanto membro de um mundo social.

Na tradição cultural inglesa e americana, a noção de Felicidade permaneceu viva com essa forma e, além do pensamento filosófico, inspirou o pensamento social e político. O princípio da maior felicidade continuou por muito tempo sendo a base do liberalismo moderno de cunho anglo-saxônico.

O que **Russell** acrescenta de novo à noção tradicional de Felicidade (além de uma convincente análise das situações atuais de “infelicidade” é uma condição que ele julga indispensável: a multiplicidade dos interesses das relações do homem com as coisas e com os outros homens, portanto a eliminação do “egocentrismo”, do fechamento em si mesmo e nas paixões pessoais. Trata-se de uma condição que coloca a Felicidade em posição diametralmente oposta à da auto-suficiência do sábio, que os antigos consideravam o grau mais elevado de Felicidade.

“Estamos separados da felicidade pela própria esperança que a busca”, diz o filósofo francês **André Comte**. “Como nos habituarmos a esperá-la, acostumados à noção platônica de que desejamos o que nos falta, acabamos por negar a nós próprios a chance de um contentamento real com as coisas presentes “.

Para **Schopenhauer**, a felicidade só poderia ser alcançada pela renúncia e pela compaixão, num estado de despojamento semelhante ao nirvana budista. A obsessão por uma felicidade eufórica desperdiça a chance das pequenas alegrias da vida, aquelas que estão ao nosso alcance entre os momentos de pico, e oculta outros valores que também dão sentido à existência, como o amor, a justiça e a liberdade.

Para **Epicuro** a felicidade se encontra na sabedoria. Para os **epicuristas** sensações devem ceder lugar às emoções de ordem superior.

Os **edonistas** afirmam que o prazer sensual é a razão da felicidade e da existência.

Para os **estóicos**, banir da vida a afetividade e a emotividade, pois causam apego e produzem a dor.

Os **espíritas** dizem que a única felicidade, a única harmonia possível neste mundo não é realizável senão pela união com os nossos semelhantes, união pelo pensamento e pelo coração, enquanto da divisão procedem todos os males: a desordem, a confusão, a perda de tudo o que constitui a força e a grandeza das sociedades.

Com efeito, nos graus e nas formas em que pode ser considerada realizável, a Felicidade é um estado de calma, uma condição de equilíbrio pelo menos relativo, de satisfação parcial e todavia efetiva, que é exatamente o oposto da inquietude romântica.

A felicidade consiste na plena realização das próprias capacidades. Partindo deste princípio, Aristóteles demonstra que a felicidade do homem não pode consistir nas riquezas, nem nos honrarias, nem os prazeres, porque nenhuma dessas coisas representa a plena realização das capacidades humanas.

O homem é um ser racional. Conseqüentemente o seu bem ou a sua felicidade deve consistir na atuação da razão (verdade). Para que o homem seja

realmente feliz é necessário que sejam satisfeitas todas suas faculdades, também as dos sentidos. A satisfação dos sentidos chama-se prazer. Logo, a verdadeira felicidade é constituída pelo prazer.

As riquezas não são indispensáveis para a felicidade, embora certa quantidade de bens seja necessária para que seja possível ao homem entregar-se à contemplação sem ser perturbado por outras preocupações. Entre as virtudes examinadas por Aristóteles, ocupa lugar de relevo a amizade. Segundo ele a amizade é tão importante que sem ela não pode haver felicidade.

## **VIDA E OBRA DE ARISTÓTELES**

Este grande filósofo grego, filho de Nicômaco, médico de Amintas, rei da Macedônia, nasceu em Estagira, colônia grega da Trácia, no litoral setentrional do mar Egeu, em 384 a.C. Aos dezoito anos, em 367, foi para Atenas e ingressou na Academia Platônica, onde ficou por vinte anos, até a morte do Mestre. Nesse período estudou também os filósofos pré-platônicos, que lhe foram úteis na construção do seu grande sistema.

Aristóteles (384-322 a.C.), um dos maiores pensadores gregos, escreveu tratados filosóficos que através dos tempos exerceram uma profunda influência no pensamento ocidental. Ele advogava o comportamento moderado e o uso da Lógica como ferramenta adequada para a investigação. Aristóteles nasceu no Norte da Grécia. Seu pai, Nicomachus foi um médico bem relacionado com a Corte da Macedônia, relacionamento este mantido por Aristóteles e por sua Escola, mesmo após sua morte. Foi provavelmente por influência do pai que Aristóteles teve grande interesse em anatomia e na estrutura dos seres vivos em geral, o que o ajudou a desenvolver um notável talento para a observação.

Excetuando talvez Platão, Aristóteles foi o filósofo de maior influência no pensamento ocidental. A Lógica, até o presente século foi basicamente Aristotélica. O estudo das Ciências Naturais foi dominado pelo pensamento

Aristotélico até o início dos tempos modernos e, de certo modo, a Física Moderna foi desenvolvida como uma reação à tradição Aristotélica. Sua Metafísica continua a ser objeto de debate, embora sua Ética seja a parte da Filosofia que mais atraiu os Filósofos contemporâneos. Entretanto, a influência de Aristóteles vai muito além da Filosofia. Aristóteles foi, por exemplo, o fundador da Biologia. Charles Darwin o considera como a maior contribuição ao assunto. Os poemas de Aristóteles foram o primeiro trabalho formal dentro do criticismo literário e tiveram uma forte influência na teoria e prática da moderna dramaturgia clássica. A imensa influência de Aristóteles deve-se, primariamente, ao fato de que ele pareceu nos legar todo um sistema que, embora deficiente em certos aspectos, demonstraram, como um todo, uma formidável e inigualável capacidade de percepção.

Em 343 foi convidado pelo Rei Filipe para a corte de Macedônia, como preceptor do Príncipe Alexandre, então jovem de treze anos. Aí ficou três anos, até à famosa expedição asiática, conseguindo um êxito na sua missão educativo-política, que Platão não conseguiu, por certo, em Siracusa. De volta a Atenas, em 335, treze anos depois da morte de Platão, Aristóteles fundava, perto do templo de Apolo Lício, a sua escola. Daí o nome de Liceu dado à sua escola, também chamada peripatética devido ao costume de dar lições, em amena palestra, passeando nos umbrosos caminhos do ginásio de Apolo. Esta escola seria a grande rival e a verdadeira herdeira da velha e gloriosa academia platônica.

Morto Alexandre em 323 desfez-se politicamente o seu grande império e despertou-se em Atenas os desejos de independência, estourando uma reação nacional, chefiada por Demóstenes. Aristóteles, malvisto pelos atenienses, foi acusado de ateísmo. Preveniu ele a condenação, retirando-se voluntariamente para Eubéia, Aristóteles faleceu, após enfermidade, no ano seguinte, no verão de 322. Tinha pouco mais de 60 anos de idade.

A respeito do caráter de Aristóteles, inteiramente recolhido na elaboração crítica do seu sistema filosófico, sem se deixar distrair por motivos práticos ou sentimentais, temos naturalmente muito menos a revelar do que em torno do caráter de Platão, em que, ao contrário, os motivos políticos, éticos, estéticos e místicos tiveram grande influência. Do diferente caráter dos dois filósofos,

dependem também as vicissitudes exteriores das duas vidas, mais uniforme e linear a de Aristóteles, variada de Platão.

Aristóteles foi essencialmente um homem de cultura, de estudo, de pesquisas, de pensamento, que se foi isolando da vida prática, social e política, para se dedicar à investigação científica. A atividade literária de Aristóteles foi vasta e intensa, como a sua cultura e seu gênio universal.

Não lhe faltou nenhum dos dotes e requisitos que constituem o verdadeiro filósofo: profundidade e firmeza de inteligência, agudeza de penetração, vigor de raciocínio, poder admirável de síntese, faculdade de criação e invenção aliadas a uma vasta erudição histórica e universalidade de conhecimentos científicos. O grande estagirista explorou o mundo do pensamento em todas as suas direções. Pelo elenco dos principais escritos que dele ainda nos restam, poder-se-á avaliar a sua prodigiosa atividade literária.

## CAPÍTULO II – ÉTICA ARISTOTÉLICA

O objeto da ética aristotélica é o estudo da felicidade como supremo fim ou bem do ser humano.

A felicidade consiste na plena realização das próprias capacidades. Partindo deste princípio, Aristóteles demonstra que a felicidade do homem não pode consistir nas riquezas, nem nas honrarias, nem os prazeres, porque nenhuma dessas coisas representa a plena realização das capacidades humanas.

O homem é um ser racional conseqüentemente o seu bem ou a sua felicidade deve consistir na atuação da razão. Para que o homem seja realmente feliz é necessário que sejam satisfeitas todas suas vontades, também as dos sentidos chama-se prazer, logo, a verdadeira felicidade é constituído pelo prazer.<sup>1</sup>

E ainda diz que:

As riquezas não são indispensáveis para a felicidade, embora certa quantidade de bens seja possível ao homem entregar-se a contemplação sem ser perturbado por outras preocupações. Entre as virtudes examinadas por Aristóteles, ocupa lugar de relevo a amizade.

---

<sup>1</sup> MONDIN, Battista. Curso de Filosofia, pág. 101.

Segundo ele a amizade é tão importante que sem ela não pode haver felicidade.<sup>2</sup>

Segundo ele a amizade é ou envolve um estado de caráter, uma virtude. Há três tipos de amizade: fundamentada no prazer recíproco da companhia (amizade de prazer) na utilidade da associação (amizade de utilidade) ou na admiração mútua (amizade na virtude). Todas são essenciais a vida plena e os amigos de melhor qualidade não só apreciarão a excelência do outro, mas terão prazer em sua companhia e encontrarão vantagens recíprocas na associação.

A amizade não é apenas necessária, mas também nobre, pois louvamos os homens que amam os seus amigos e considera-se que uma das coisas mais nobres é ter muitos amigos. Ademais, pensamos que a bondade e a amizade encontram-se na mesma pessoa.

Muitos pontos relativos à amizade são objeto de debate. Alguns a definem como uma espécie de afinidade e dizem que as pessoas semelhantes são amigas, daí vêm os aforismas “semelhante com semelhante”, “cada ovelha com sua parelha”, etc.<sup>3</sup>

Segundo Aristóteles, a felicidade está no meio termo, ou seja, o que faz o homem feliz é o dom da temperança. Isso quer dizer que o homem tem de saber dosar ou balancear as coisas a serem desejadas e das coisas a serem evitadas.

Quanto ao meio-termo, o mais contrário, algumas vezes, é a falta, e às vezes o excesso. Por exemplo, não é a temeridade, que é o excesso, mas a covardia, que é a deficiência, que é mais oposta à coragem, e no caso da temperança, o que lhe é mais oposta é a intemperança, um excesso, e não a insensibilidade, a falta.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> MONDIN, op cit, pág. 102.

<sup>3</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, pág. 173.

<sup>4</sup> ARISTÓTELES. op cit, pág. 53.

Possuem ainda importância decisiva as investigações de Aristóteles no campo da Ética. Este requer o bem, ou antes o supremo bem como a finalidade à qual tende toda ação. Todos estão de acordo que este bem último é a felicidade, apesar de diferirem as opiniões sobre que esta consiste. É necessário defini-la em função daquilo que é a ação mais própria do homem, de modo que a felicidade seja sua plena realização.

Se a virtude, o bem e a felicidade se correspondem, o Bem deve ser encarado como um fim em si mesmo, pois nele já reside a felicidade.

Para encontrar a felicidade é preciso exercitar a sua essência, a razão. Quem age pela razão não erra.

Para Aristóteles é a finalidade última do homem, e o bem supremo. Ele apresenta duas características fundamentais da Felicidade. A primeira é: Deve ser final, ser sempre escolhido por si próprio e nunca como um meio de se atingir outra coisa. Se a felicidade é a finalidade última do homem e está na constante busca deste fim último da vida, não pode ser qualquer coisa. Por isso o objetivo da vida está muito mais além de qualquer bem material que você possa possuir.

A segunda característica é a auto-suficiência; algo que por si próprio torne a vida digna de ser escolhida. Não precisa da ajuda de nada exterior ou seja, o centro da vida do homem, que o leva a Felicidade está nele mesmo.

Definimos a auto-suficiência como aquilo que, em si mesmo, torna a vida desejável por não ser carente de nada. E é desse modo que entendemos a felicidade; além disso, a consideramos a mais desejável de todas as coisas, e não como um bem entre outros, pois, em caso contrário, é evidente que ela se tornaria mais desejável mediante a adição até do menor bem que fosse, uma vez que desta adição resultaria um bem maior, e quando se trata de bens, é sempre mais desejável o maior. Assim, a felicidade é algo absoluto e auto-suficiente, e a finalidade da ação.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. op cit, pág. 26.

Pensou também como outras pessoas pensariam e derrubando as definições de felicidade existente em sua época, e assim ele conclui:

- ✓ O prazer → não pode ser, pois é de todos, até dos animais. Quer algo que só o homem pode. Se comparasse com prazer, estaria diminuindo o valor da felicidade. A felicidade equivale muito mais que um simples instante de prazer.
- ✓ Honra → para os gregos era mais ou menos o sucesso. Não é a felicidade, porque ela depende mais de quem dá do que de quem recebe. E a felicidade tem que ser algo próprio de si mesmo.

A honra é algo que vem dos outros, do exterior. Ela depende mais de quem a dá do que daquela que recebe. Enquanto o fim para o qual tende a nossa vida deve ser constituído por algo que nos seja próprio.

- ✓ Riqueza → é uma vida contra a própria natureza do homem. É algo que pode desaparecer rápido. Pode ser um meio, mas nunca um fim.

O homem tem como tarefa principal raciocinar, exercer a atividade racional de compreender as coisas. E nessa tentativa o homem age, e isto nos leva a algo, tudo que o homem faz tem como fim último a “felicidade”.

Agir de acordo com a virtude, com a razão é agir no meio termo, ou seja, o dom da temperança. Ela tem a função de atenuar e de controlar os impulsos. E devemos dominar os prazeres, consistem aprender a sentir o prazer de modo certo e no tempo exato.

O filósofo mostra que muitas escolhas são apenas desejos, pois ninguém escolhe algo que está fora de seu alcance. A felicidade não é uma escolha, é um desejo. Pois ela é um fim e o fim ninguém escolhe, mas sim deseja.

A ética aristotélica é um pouco individualista, preocupa com o próprio indivíduo mostrando o caminho, todos podem seguir, e não precisa carregar

ninguém. Ex.: não é possível ser amigo de muitas pessoas no sentido de manter uma amizade perfeita.

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, da mesma maneira que não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é, de certo modo, um sentimento exacerbado, e é da sua natureza dirigir-se a uma única pessoa); e não ocorre facilmente que muitas pessoas agradem ao mesmo tempo a um indivíduo só, ou mesmo que, talvez, pareçam boas aos olhos deste indivíduo.<sup>6</sup>

O problema da felicidade tampouco pode ser colocado sem se levar em conta o seu conteúdo concreto, isto é, o tipo de felicidade que se busca e no qual os homens, numa situação dada, vêem a realização de suas mais caras aspirações, ou seja, seus desejos mais intensos.

Na realidade, o fato de nos sentirmos felizes ou infelizes a qualquer dado momento costuma ter muito pouco a ver com nossas condições absolutas, mas é, sim, uma função de como percebemos nossa situação, da satisfação que sentimos com o que temos. O fato de sentirmos felizes, hoje, e infelizmente amanhã é devido a falta de objetivo na vida, ou seja, a falta de observações o absoluto. Isto é, a nossa infelicidade é devido a preocupação de nos satisfazer com o imediato.

Outra crença que se harmoniza com a nossa concepção sobre a felicidade é a de que o homem feliz vive bem e age bem, visto que definimos a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação. Além disso todas as características que se costuma buscar na felicidade também parecem incluir-se na nossa definição, com efeito, algumas pessoas identificam a felicidade com a virtude, outras com a sabedoria prática, outras como uma espécie de sabedoria filosófica, e outras, ainda, a identificam com tudo isso, ou uma delas acompanhadas do prazer, e finalmente outras incluem a prosperidade exterior.

---

<sup>6</sup> ARISTÓTELES. op cit, pág. 180.

Ainda uns que dizem que a felicidade é uma luta constante do homem para ser feliz, se encontrar, lutar para chegar a um objetivo, lutar por um sonho, conquistar a pessoa amada. São momentos e situações em que o homem, que apesar das dificuldades, luta incessantemente e vê que a felicidade pode estar em “pequenas coisas”, situações. Mesmo assim faz sua vida, corre atrás de sua felicidade. Quer dizer que as pequenas coisas nos deixam felizes quando estão sendo meios que nos levam ao fim último – Felicidade.

Enfim, para Aristóteles, a Felicidade não se encontra nas riquezas materiais e nem nas honrarias, estes podem ser meios, mas nunca o fim. Mas para o autor a felicidade deve ser o fim último, pois ele é sempre é auto-suficiente e é algo que por si próprio torne a vida digna de ser escolhida.

## **CAPÍTULO III – FELICIDADE: UM CONCEITO ÉTICO?**

A ética de Aristóteles determina o propósito da conduta humana, ou seja, a felicidade. Muitas teorias éticas organizaram-se em torno da definição do bom, na suposição de que se soubermos determinar o que poderemos saber o que devemos fazer ou não.

A ética designa um conjunto dos nossos atos, especialmente atos voluntários, susceptíveis de receberem uma qualificação moral, comanda tudo que exerce uma ação, na ética o agente é sempre uma pessoa que está a agir ou agiu de forma livre e responsável.

A ética é uma representação intelectual que impõe ao indivíduo a necessidade de realizar uma ação por respeito a lei civil ou a moral.

Reflexão sobre os fundamentos da moral que caracteriza a ética é a sua dimensão pessoal, isto é, o esforço do para fundamentar e legitimar sua conduta.

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano.

A nossa definição sublinha, em primeiro lugar, o carácter científico desta disciplina; isto é, corresponde à necessidade de uma abordagem científica dos problemas morais. De acordo com esta abordagem a ética se ocupa de um objeto próprio: o setor da

realidade humana que chamamos moral, constituído – como já dissemos – por um tipo peculiar de fatos ou atos. Como ciência, a ética parte de certo tipo de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais.<sup>1</sup>

Este modo aristotélico de abordar o problema da felicidade não só não perdeu força em nossos dias, mas até se reforçou. De fato, vemos hoje com maior clareza que a felicidade jamais pode separar-se de certas condições sociais que a aproximam ou a afastam de ambos os setores da Sociedade:

Os homens não podem ser verdadeiramente felizes na miséria, na exploração, na falta de liberdades políticas, na discriminação racial, etc.<sup>2</sup>

Mas, por outro lado enraizará numa posição simplificada pensando que a criação proporciona condições sociais favoráveis ao desaparecimento dos males que mergulham na maior infelicidade dando a todos indivíduos sua felicidade pessoal.

Os indivíduos como tais podem encontrar graves obstáculos na obtenção de sua felicidade, que não podem desaparecer nem sequer nas condições sociais mais favoráveis. Tais são, por exemplo, os obstáculos à sua felicidade que surgem – como fracassos – no amor, no exercício de uma profissão ou no cumprimento da nossa vocação, ou também como golpes inevitáveis infligidos pelas doenças ou pela morte.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*, pág. 23.

<sup>2</sup> VÁZQUEZ, *Op. cit.*, pág. 159.

<sup>3</sup> VÁZQUEZ, *Op. cit.*, pág. 159

O problema da felicidade pode ser colocado sem se levar em conta o seu conteúdo concreto, isto é, o tipo de felicidade que se busca e no qual os homens numa situação qualquer vêm a realização de seus mais caros desejos pessoais.

Atualmente a sociedade assim constituída, a felicidade se resume, portanto, na satisfação do “espírito de posse”, na posse do dinheiro, e nela que o homem em sentido material, será feliz, por outro lado o pobre que não tem posses, será infeliz.

A felicidade é o único bem resultante de relações sociais que determina os interesses dos homens.

É o que vemos quando se fixa a felicidade na contemplação, como na sociedade escravista grega, ou na posse do dinheiro, como na sociedade burguesa moderna.<sup>4</sup>

A felicidade não pode ser concebida como algo abstrato, alheio a determinadas condições sociais, e que estas condições não favorecem ou criam obstáculos a felicidade, em geral, a encontramos em toda parte, dependendo do nosso anseio em consegui-la.

Enfim a ética resulta no estudo da capacidade humana.

---

<sup>4</sup> VÁZQUEZ. Op. cit, pág. 160

## CONCLUSÃO

Depois de analisar a Felicidade em Aristóteles, conclui-se que no ponto de vista ético o que leva a felicidade não é você possuir bens materiais, honras e outros e sim fazer o bem sem saber para quem, saber ouvir, saber falar o certo no momento certo, sabendo utilizar esses recursos pessoais poderá nos ajudar a encontrar o caminho para a busca da felicidade.

Mas que é Felicidade? É estar bem consigo mesmo, aquele momento de paz de espírito, de reflexão, harmonia e, sobretudo, é ser um homem virtuoso, pois quem pratica o bem é um homem feliz.

Para poder alcançar a felicidade é necessário um esforço, não sabemos se encontramos dentro ou fora, conclui que ela não bate em nossa porta, e que não poderemos encontrá-la sozinho, precisamos de algo que nos completa, ou seja, a fonte da felicidade está dentro de nós e deve ser repartida. Quer dizer: é poder repartir nossas alegrias e como espalhar gotas de esperança, sempre algumas gotas acabam caindo em nós mesmos.

Creio eu que as riquezas são desnecessárias para a felicidade, ou seja, uma pequena quantidade de bens seja necessária para que o homem possa encontrar a contemplação sem ser perturbado por outra preocupação, é você ter algo hoje, para que não lhe falte amanhã.

Para sermos felizes é buscar constantemente a nossa realização pessoal, profissional e tantos outros, em nossa vida cotidiana o mais viável para

encontrar “essa tal felicidade” e poder criar ferramentas, com o objetivo evidenciado através de atos e gestos, e fazermos o bem sem olhar a quem. Saber ouvir, falar no momento certo poderá ser um começo para busca da felicidade.

Aceitar mudanças, sentir orgulho de ser quem é, e como é, ter confiança sempre em tudo o que fazemos e em nós mesmos. Ser amigo de si próprio é compreender seus erros, é ser seu cúmplice para enfrentar os desafios, é motivar-se para superar novos obstáculos e, principalmente, desfrutar ao máximo a sensação de felicidade, sem culpa e nem medo. Ser feliz é o mais compensador de todos os sucessos.

Lutar só vale a pena quando a causa é nobre, o valor de uma vitória reside no significado da luta. Lutar simplesmente por lutar, para se mostrar rebelde, não conduz a nada. Devemos usar nossa energia para construir nossa felicidade. Portanto lutar é indispensável para a realização de nossas metas da alma, ou seja, lutar é saudável quando se é para a construção dessa tal felicidade. Essa construção deve ser passo a passo, depois de cada dificuldade e de cada perda. É desconstruir e construir simultaneamente. E nessa busca de construção de seus objetivos, nossa existência experimentará a angústia da liberdade, de escolhas, decisões e buscar a felicidade em cada ato de realização.

Muitas das vezes torna-se quase utópico, falar de felicidade quando no mundo que vivemos defrontamos com tantos problemas sociais. Entende que ela é alcançada todas as vezes que nos encontramos bem material ou profissionalmente. Pois isso é que sempre associamos tal sentimento algo que conseguimos de imediato e que nos dê prazer. Quando não conseguimos alcança-la, sentimos angustiados, ansiosos, aumentam em tal ordem, que as vezes viver torna-se um peso, um martírio.

Um dos pontos mais relevantes para o encontro da felicidade se baseia na amizade. Assim como o homem feliz é um homem virtuoso, assim como a Felicidade é uma constante construção; a amizade é, portanto, para o homem feliz o melhor de todos os bens exteriores.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret.

MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia (Os filósofos do Ocidente)*. Vol. 1. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 1999.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990.

TUGENDHAT, Ernest. *Lições sobre Ética*. 4ª d. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

De modo que a felicidade é para o homem autêntico, a importância máxima de sua existência, mas isso se comprova na medida certa, o homem justo é aquele que age de acordo com seu princípio, isto é, age com temperança, isso faz com que o homem seja capaz de dosar as emoções segundo seus desejos e objetivos a serem alcançados.

A felicidade aparece em raros momentos de nossa vida quando nos sentimos vazios ou magoados, triste, enfim, ela chega sem avisar e nos faz delirar de emoção. Mas com a mesma intensidade e rapidez, tudo passa e daí alguns dias, já esquecemos dessa felicidade, e estamos prontos, esperando uma próxima emoção. E assim acontece todos os dias em cada coração, sempre há alguém sentindo seu momento feliz e acreditando estar realizando um sonho a mais, mas o que não sabem ou talvez, não se deram conta ainda e são apenas alguns momentos a mais nesta vasta história da humanidade.

Há aqueles que buscam alcançar a felicidade através do domínio, pelo poder, outros, no apego às coisas. Desta forma, estamos todos constantemente perseguindo a felicidade ao invés de sermos felizes. Não admira que nascemos chorando, vivamos nos lamuriando e morremos frustrados. Nossa vida é curta e nossos desejos são numerosos. O ser humano é infeliz na medida que não realiza seus desejos.